

A VÍRGULA

Para não errar na interpretação dos fatos políticos



#082



GPS

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

DIREITA CAPIXABA

As reações dos políticos do Espírito Santo após a vitória de Javier Milei no país vizinho

Pág. 10

EFEITOS DELETÉRIOS

A eleição de Milei não se deu por suas ideias, mas pela rejeição ao momento de crise, avalia Eduardo Rivas

Pág. 13

NARRATIVA

Por que a esquerda ainda se mostra incapaz de alcançar o sucesso digital da direita?

Pág. 19

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?



GPS

GEORREFERENCIAMENTO
POLÍTICO E SOCIOECONÔMICO

Para onde estamos indo?

O ensaísta Francisco Bosco, em seu livro “O Diálogo Possível”, escreve que, até o surgimento do antipetismo, o desaparecimento da direita civil no país estava “ligado à perda de sustentação moral produzida pelo fato de a ditadura ser percebida como de direita”. Segundo Bosco, “tal percepção produziria, por décadas, uma ‘direita envergonhada’, cujo desrecalque só se daria plenamente a partir de acontecimentos mais recentes, como a Lava Jato e o processo de construção social do impeachment de Dilma Rousseff”.

Trocando em miúdos, a direita saiu do armário após a consolidação do sentimento antipetista, momento em que a corrupção do PT era apresentada de forma estridente como a razão de todos os problemas do Brasil.

Na Argentina, mesmo que a (principal) motivação tenha sido diferente – uma crise econômica profunda e o cansaço extremo do peronismo e das diversas, e infrutíferas, fórmulas apresentadas como planos de reconstrução da economia do país –, o movimento foi semelhante, de modo que o catalisador da raiva, indignação e da “revolução” afetiva foi o ultraliberal Javier Milei, presidente eleito do país vizinho há uma semana.

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

O caso argentino, nesse sentido, se assemelha ao de outros países, dos variados continentes, nos quais a extrema-direita solapa as instituições do Estado, a democracia e a política, e, valendo-se de um caldo de recalques, de frustrações e de desesperança, vai se firmando como *player* capaz de galvanizar em torno de si os mais variados setores sociais.

Isso destroça a política estabelecida, em especial nos espectros ideológicos de centro e de direita, cujos eleitores tradicionais tendem a agregar as fileiras de candidaturas capazes de apresentar narrativa de ruptura com uma realidade opressora, algo apresentado como necessário para a superação de toda uma realidade dramática. Isso explica, por exemplo, no Brasil, a votação pífia de um dos partidos garantidores da estabilidade da política brasileira desde o advento da Nova República (1985), o PSDB, cujos eleitores subsumiram no caldo da extrema-direita ultraliberal.

Tais acontecimentos se retroalimentam – basta lembrar o que foi (e ainda é) Donald Trump para o Brasil. E cá estamos: mais um acontecimento disruptivo abriu a porta do armário e a extrema-direita ganhou fôlego, o volume do megafone aumentou nas redes sociais, o ex-presidente Bolsonaro se excitou e até excursão para a posse de Milei está sendo organizada por parlamentares brasileiros de direita.

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

Em *O Globo*, a colunista Malu Gaspar narra: “Não são só o ex-presidente Jair Bolsonaro e a ex-primeira dama Michelle que vão prestigiar a posse do presidente eleito da Argentina. Parlamentares bolsonaristas estão preparando uma caravana com mais de 20 integrantes para desembarcar em Buenos Aires”. Já se avanta também a presença de governadores do campo político da extrema-direita nessa caravana liderada por Bolsonaro.

Sob a onda emocional, inclusive, o senador Ciro Nogueira (Progressistas-PI) asseverou que “os ventos estão mudando” nas Américas. Este é o ponto. Será que esses ventos estão mesmo mudando?

Nesta **edição #082**, **A Vírgula** se propõe a expor prós e contras acerca dessa narrativa, de modo a produzir elementos que podem responder a tal questão.

Os ventos sempre mudam de direção. Aplicado à política, isso equivale às mudanças de humor do eleitorado, movido por uma confluência prismática de fatores que, em determinados momentos, provoca rupturas na trajetória histórica de um determinado país. A América Latina, com raras exceções, é governada por coalizões políticas amplas que se pautam pela adoção de estratégias de composição com inimigos históricos e defensores de agendas bem distintas daquelas que levaram essas coalizões à vitória nas urnas. Os ventos mudam, inclusive contra aqueles grupos que dele se valeram para ocupar o poder.

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

A História recomenda prudência nesses momentos de vitória, pois é na dinâmica das relações internas e externas que se constrói a realidade de todas as sociedades em qualquer momento histórico. Em outras palavras, euforia não pode se confundir com certeza, pois a História tem o condão de transformar toda uma tendência em razão de fatos e processos em curso, e que não podem ser objeto de controle ou de manipulação por parte de setores dominantes nas esferas política, social e econômica. Prudência e observação acurada são elementos fundamentais em horas de vitória como essa de Javier Milei.

Sobre ele, aliás, sua colcha de retalhos de narrativas que conquistou mentes e corações – e gerou amor, emoção, euforia – também criou expectativas. O “louco” cabeludo de jaqueta de couro e motosserra nas mãos prometeu destruição: a demolição do Banco Central, a extinção de ministérios, implosão do Mercosul, tensões nas relações com seus maiores parceiros comerciais – Brasil e China – e abandono das metas da ONU para a redução de emissões de gases responsáveis pelo superaquecimento do planeta.

Também anunciou que pretende privatizar empresas estatais – energia, aviação e comunicação pública –, por exemplo, bem como dolarizar a economia argentina – abandonar o peso e adotar o dólar.

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

Sem entrar no mérito, neste momento, sobre a efetividade das promessas para salvar a Argentina da crise, fato é que Milei precisa do Congresso para validar sua agenda. E, por lá, ele não tem maioria. Seu partido, o *Liberdade Avança*, é minoria tanto na Câmara como no Senado: conta com 39, dos 257 deputados, e sete, dos 72 senadores. Nem mesmo uma aliança de Milei com o ex-presidente argentino Mauricio Macri e com a ex-ministra Patricia Bullrich seria suficiente.

Mas pode, pode outro lado, operar mecanismos de alianças com lideranças regionais, inclusive do campo peronista, que facilitem, em casos específicos e episódicos, a governabilidade congressual. O ex-presidente Mauricio Macri, um dos maiores empresários do país, é fiador de Milei desde o primeiro turno. Macri tende a ser um ator político fundamental para a governabilidade de Milei e para a orientação quanto às políticas a serem executadas, em razão de interesses particulares e dos grandes grupos econômicos que nele se veem representados.

Ou Milei se vale de Macri – e de outros atores políticos de igual porte e influência – ou sua agenda, uma construção confusa e, mesmo, inócua, pode frustrar eleitores, além de manter ou intensificar a crise. Como consequência, arrefecer a euforia.

A excitação provocada por Milei, agora sob outro aspecto, combina com o momento em que o ex-

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

presidente norte-americano Donald Trump, em um ano, saiu do inferno para ser hoje o favorito às eleições de 2024 nos EUA, mesmo sob a mira da Justiça.

A pecha sobre a idade avançada do presidente democrata Joe Biden, antagonista de Trump, por exemplo, foi disseminada como um complicador. Tornaram-se naturais repercussões sugestivas nesse sentido, como a gafe de Biden ao confundir Britney Spears com Taylor Swift, precisamente no dia em que completava 81 anos.

A política externa de governo Biden tem sido também combustível para a crise em que se encontra envolvido. É visível a perda paulatina da importância dos Estados Unidos no cenário global, ao mesmo tempo em que a China emerge como uma potência econômica e militar, com condições mais que adequadas para rivalizar com o poder hoje vigente.

Trump comemorou a vitória do ultraliberal argentino, assim como Bolsonaro e toda a rede da extrema-direita mundial, com palavras como esperança, liberdade e prosperidade.

Para Bolsonaro, o futuro já é conhecido: a inelegibilidade o impede de disputar as eleições de 2026, por mais que ele próprio tente se apresentar esperançoso por uma reviravolta em incentivo aos fãs. Este é outro problema que pode frustrar os planos disruptivos da

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

extrema-direita. Sem Bolsonaro, os ânimos esfriam significativamente, principalmente se Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), hoje o nome mais forte para a sucessão, confirmar sua força. Tarcísio é de direita, mas mais moderado – e isso irrita os fiéis.

O caminho é longo até 2026, todavia. E Bolsonaro, eufórico, pode indicar um substituto sob controle, procurando manter o consistente eleitorado que lidera desde 2018.

Entenda o contexto das propostas mais polêmicas de Javier Milei

1. Dolarização da Economia

Significa substituir o peso pelo dólar, que passaria a moeda corrente para todas as transações, inclusive o pagamento de salários. O objetivo de Milei com a política econômica é debelar a inflação, que passa de 100% em 12 meses.

Isso não significa um aumento no poder de compra dos argentinos ou que eles ficariam ricos. A taxa de câmbio na troca dos pesos por dólares é que vai definir quanto os argentinos terão em suas contas. Quanto maior a taxa, menor o valor, em dólar, de salários e rendimentos.

Ao dolarizar a economia, o país abre mão de algumas medidas de política econômica. Sem moeda própria, o governo não poderia mais fixar a taxa básica de juros, passaria a seguir os juros do Fed, o banco central americano.

Vitória de Milei na Argentina dá fôlego à extrema-direita?

Se algum problema doméstico provoca uma recessão não seria possível baixar juros para aquecer a economia. Se o Fed sobe os juros por algum motivo doméstico dos EUA, a economia argentina vai esfriar, mesmo que esteja estagnada.

2. Fim do Banco Central

O mercado aponta que, apesar da estridente campanha de Milei sobre o assunto, dificilmente a ideia de “demolir” o Banco Central vai sair do papel. Para abdicar da capacidade de emitir moeda, por exemplo – função primordial de um BC –, Milei precisaria de um ajuste fiscal severo, o que é avaliado como politicamente inviável, principalmente porque Milei não tem maioria no Congresso.

Em seu plano de governo, o presidente eleito indica que, para o reordenamento do Estado, planeja reduzir os gastos do governo o equivalente a 15% do PIB. Isso significaria cortar, de uma vez, US\$ 90 bilhões.

3. Privatizações

Em sua primeira entrevista após ser eleito presidente da Argentina, Javier Milei sinalizou para a privatização da petroleira estatal YPF. “A primeira coisa a fazer é reconstruí-la”, disse à Rádio Mitre nesta segunda, 20. “Desde que essas estruturas sejam racionalizadas, são colocadas para criar valor para que possam ser vendidas de uma forma muito benéfica para argentinos”, disse.

Também à Mitre, o libertário afirmou que “a televisão pública se tornou um mecanismo de propaganda”, motivo pelo qual anunciou a privatização da Telám – a TV pública do país – e da Rádio Nacional.



Capixabas à direita vibram com vitória ultraliberal

Capixabas à direita vibram com vitória ultraliberal

Mudança de ventos, sopro de esperança, voto auditável, derrota socialista. A direita do Espírito Santo também comemorou a vitória de Javier Milei na Argentina e os termos usados por eles nas redes sociais caminham na uníssona direção da euforia provocada pelo ultraliberal no Brasil e nas Américas.

O médico e ex-deputado federal Carlos Manato (PL) foi um que celebrou a eleição histórica no país vizinho: “Um sopro de esperança. Vitória da liberdade!”, vibrou.

O deputado estadual Capitão Assumção, por sua vez, gravou um vídeo comemorativo e analítico para o seu estratégico “perfil de apoio” no Instagram. Para ele, curiosamente, foi uma criatividade digna de Oscar da esquerda, “a maldita esquerda brasileira”, tentar vincular Bolsonaro a Milei. Tática frustrada, ressalta.

“Como se associar-se a Bolsonaro fosse a marca do apocalipse (...). Ironicamente, aumentou a popularidade de Milei entre os argentinos. Afinal, nada como ser rotulado como fora do sistema para conquistar corações e mentes”, avaliou Assumção, rezando a cartilha da extrema-direita que provocou o fenômeno popular do bolsonarismo.

O militar Tenente Assis (PTB), bolsonarista de carteirinha, não deixou de fora a contestação sobre as urnas. Segundo ele, a diferença significativa, a mesma

Capixabas à direita vibram com vitória ultraliberal

que provocou a derrota do ex-presidente no Brasil e a vitória de Milei na Argentina, foi o fato de no país vizinho o voto ser auditável: “Com contagem pública de votos”, pontuou.

O senador Magno Malta (PL) também se manifestou e atribuiu à vitória de Javier Milei um freio à esquerda, bem como a transformação do cenário político entres os países Sul-Americanos.

Já Gilvan da Federal (PL), por fim, enfatizou que “o socialismo foi derrotado”.

■ ARTIGO

Por que não Milei?

Mais do que concordar com as ideias do presidente eleito, a eleição na Argentina se passou pela rejeição à atual situação do país, mergulhado em uma grande crise



Eduardo Rivas

Cientista político argentino

Por que não Milei?

Após as eleições do último domingo, muitos estão tentando entender na Argentina - e fora dela - por que Javier Milei foi eleito presidente do país, busca que se torna mais frequente entre aqueles que não concordam com as ideias dele. Acredito que dificilmente encontraremos uma resposta se a procurarmos com base em nossos ideais e, principalmente, em nossa realidade cotidiana.

Comemos todos os dias e, na maioria das vezes, escolhemos o que comer. Tomamos banho com água quente. Dormimos em um colchão. Com determinada frequência, compramos roupas. Nos permitimos alguns luxos. Mas nem todos vivem nossa realidade e precisamos ter uma visão holística que nos permita compreender a totalidade da realidade e não apenas nossa rotina.

Dias atrás, conversando com um amigo, ele me disse: "mas eles escolheram um fascista". Concordo com a observação. O problema é que na Argentina de hoje se preocupar com o fascismo é privilégio de poucos. Para a maioria, a preocupação é comer todos os dias. A Argentina vive uma grande crise, em termos econômicos e morais, de modo que, como diz o tango "Cambalache", "um burro e um grande professor são a mesma coisa". O esforço não tem sido recompensado.

Grande parte da sociedade entende que o esforço favorece aqueles que não se esforçam. E que metade

Por que não Milei?

do país vive às custas da outra metade. Um país onde, segundo a UNICEF, "dois em cada três meninas e meninos na Argentina (66%) são de baixa renda ou não têm acesso a direitos básicos, como à educação, proteção social, moradia adequada, banheiro adequado, água ou um ambiente seguro".

Um país com inflação anual de 140%. Onde a renda familiar caiu e, uma vez que os bens de capital são impossíveis de adquirir, as pessoas começam a comprar bens de consumo. Quando estes começam a ficar mais caros, aqueles que podem adquirem bens de consumo a curto prazo, em vez de a longo prazo.

Como disse Ergasto Riva, "a renúncia do acesso a bens importantes aumenta o acesso a bens e serviços fúteis. Foi assim que abdicamos da casa própria, enquanto as vendas de carros aumentavam. Depois, nos contentamos em não ter um carro, mas em poder viajar. E agora já estamos satisfeitos em ir ao teatro e comer uma pizza sábado à noite".

Por que não Milei, então? Mais do que concordar com as ideias dele, há a rejeição pela situação atual do país, e o presidente eleito é megafone para vociferar essa rejeição. O fim justificou os meios. Grande parte do eleitorado argentino votou, em ambos os lados, "contra" e "a favor de". E a maioria dos cidadãos que apoiaram Javier Milei é muito diversa em opiniões, interesses e reivindicações.

Por que não Milei?

Mas Milei obteve mais de 55% dos votos, com as particularidades do caso, um segundo turno. O resultado representa a maior porcentagem obtida por um candidato presidencial desde o retorno da democracia, há 40 anos. Por outro lado, como resultado do sistema eleitoral argentino, não há nenhum governador de seu partido, seus blocos parlamentares são pequenos e ele não tem apoio institucional. Ele só tem apoio eleitoral... e econômico.

O problema, então, reside nas consequências desta eleição, porque uma realidade é unir esforços para destruir uma construção; e outra muito diferente é nos reunirmos e concordarmos sobre o que queremos construir no lugar.

O presidente eleito foi claro sobre isso: sua eleição rompia os manuais eleitorais, pois ele não prometeu uma coisa e pretende fazer outra. Pretende seguir adiante com as ideias que apresentou durante a campanha, embora tenha ficado evidente aquele velho Teorema de Arnulphi que aponta: as propostas são moderadas à medida que aumentam as possibilidades de acesso ao poder.

Qual será a receptividade da população em relação às medidas que, segundo Milei garantiu, serão imediatas e drásticas? O ex-presidente Macri, que se tornou fator determinante no triunfo do presidente eleito após anunciar publicamente apoio para o segundo turno,

Por que não Milei?

foi claro: “Os orcs terão que medir muito bem quando quiserem causar distúrbios”, referindo-se àqueles que se opõem às medidas do governo. Por sua vez, líderes que serão oposição a partir de 10 de dezembro anunciaram que “os direitos conquistados serão defendidos nas ruas”.

Como essa luta será resolvida, nas instituições e nas ruas, definirá o futuro da Argentina. E essa é a incógnita, pois se a esse argumento racional somarmos o paranormal, a mesa está posta. No século passado, na Argentina, existiu Benjamín Solari Parravicini, chamado de ‘O Nostradamus argentino’.

Entre as diversas previsões, muitas das quais se concretizaram na realidade, nos últimos dias houve alguns pictogramas, forma como Milei enunciava suas “mensagens”, que chamaram a atenção.




Parravicini disse que “a Argentina terá sua Revolução Francesa”. “No triunfo, pode ver sangue nas ruas se não ver o momento do homem cinzento”.

Muitos relacionam o “homem cinzento” a Javier Milei, por ser uma

Por que não Milei?

opção diferente do preto e branco da divisão que dividiu o país nas últimas décadas. Será assim? Em qualquer caso, seja por uma questão racional ou metafísica, está claro que “as condições subjetivas estavam dadas” para o triunfo de Javier Milei. É então hora de se perguntar mais uma vez: por que não Milei?

Que comecem os jogos.



Mistério? A narrativa à direita continua vencendo na Internet

Por que a esquerda não alcança a mesma eficiência discursiva da direita no ambiente digital? A narrativa, ela mesma – ou o poder de contar histórias nos termos digitais –, pode ser a resposta

Mistério: os “burros” continuam vencendo na internet

Em debate sobre a vitória do presidente eleito na Argentina, Javier Milei, a ex-deputada federal Manuela d'Ávila (PC do B), na *TV GGN*, questionou como ser possível “as instituições não perceberem os movimentos que estão acontecendo” nas redes sociais, “espaço que o povo ocupa, a gente goste ou não”.

Segundo ela, que acompanha e monitora as redes de Milei, assim como acompanhou e monitorou as redes de Bolsonaro em 2017, não poderia ser surpreendente que as vitórias deles acontecessem.

Ela tem razão. E muitos intelectuais do mercado e da esquerda já mergulharam profundamente na missão de compreender como a direita tem capitalizado afeto e se colocado como solução ao povo diante de crises, como ressaltou a própria Manuela.

Mesmo com tal percepção, todavia, a esquerda ainda não conseguiu atingir a habilidade digital da extrema-direita. E, mesmo com tal mergulho profundo, se tornou espécie de clichê entre muitos intelectuais a frase “ainda bem que eles são burros”, conclusão que, além de arrogante, revela novamente o teor afetivo da polarização.

Na mesma *TV GNN*, o jornalista Luis Nassiff, idealizador do espaço, em dado momento de outra discussão sobre a Argentina solta a frase “essa opinião pública imbecil brasileira”, curiosamente algo muito próximo de um dos

Mistério: os “burros” continuam vencendo na internet

títulos mais famosos de Olavo de Carvalho, O Imbecil Coletivo, com a diferença do tamanho da dedicação para explicar por que todo mundo seria imbecil.

Bom, mas qual então a razão de tanto estudo, conhecimento e, por outro lado, eficácia inferior na internet dos personagens da esquerda para conquistar eleitores, seguidores e fãs?

Um dos motivos que podem ser apresentados é o fato de a direita disseminar ódio e espalhar *fake news*. E isso é crime. Sem dúvida, foi avassaladora a rede de mentiras criada pela extrema-direita nos últimos anos dentro da guerra cultural. Mazela contemporânea que deve ser encarada com seriedade, regulação e cobrança implacável sobre as ações das big techs que controlam o mercado.

Como demonstramos na **edição #080**, entretanto, o deputado federal André Janones (Avante-MG) confessa em seu livro, “Janonismo Cultural”, lançado na segunda, 20, ter divulgado notícias falsas para favorecer Lula nas eleições de 2022. Expusemos que o discurso de ódio, portanto, se tornou *modus operandi* dos dois lados da moeda, ao passo em que a guerra polarizada somente compreende a democracia a partir de um jogo eleitoral para manutenção ou alcance de poder.

Dentro de tal perspectiva, o motivo que apontamos aqui para esse gap de eficiência virtual entre os dois espectros políticos é a capacidade dos atores da

Mistério: os “burros” continuam vencendo na internet

direita de construírem com maestria aquilo que eles paradoxalmente negam: narrativas impactantes por meio de um copy writing assertivo nos moldes do marketing digital.

Há uma característica importante intrínseca à extrema-direita que colabora para os resultados positivos na conquista de fiéis: o revisionismo histórico e das percepções de mundo, o que torna essa narrativa misteriosa, reveladora, uma que faz o receptor abrir os olhos para a “realidade”.

Nos últimos dias, o retratista que fotografou Bolsonaro sem camisa, João Menna, levantou em seus stories espécie de teoria da idolatria para revelar suposto lado oculto dos sucessivos desastres em terras cariocas na turnê da estrela pop mundial Taylor Swift.

Ele já começa lambendo as próprias botas e criando mistério: “Vale lembrar que fiz uma análise sobre a Taylor em maio deste ano. Um dia depois da análise que fiz, Taylor lança um dos clipes mais bizarros que ela já fez. Apenas provando meu ponto de que o buraco é mais embaixo”, sentencia, com imagens ao fundo de cada story.

Entre eufemismos e jogadas textuais para manter o mistério, ele compara a jornada de Swift com o satanismo e relaciona esse ambiente musical ao condicionamento da mente humana.

Mistério: os “burros” continuam vencendo na internet

Não para por aí. Em uma nova série de stories, Menna lamenta que o Instagram está impedindo seus conhecimentos disruptivos chegarem a mais pessoas. Mas ele não pode se furtar à missão e, dessa forma, decidiu criar um grupo chamado “Pasta Secreta”, onde o algoritmo não atrapalha e ele não precisará medir palavras. Basta pagar R\$ 199,40 ou R\$ 19,90 por mês no plano anual, com 55% de desconto.

Um curso famoso que ensina a vender cursos na internet traz uma aula de copy writing em sua cartela pedagógica. O nome do módulo: “As Armas do Copy Writing”. Um exemplo de construção de headline deixa bem claro o tom irresponsavelmente eficiente do marketing digital nestes tempos, conhecimento que é transferido a inúmeros leigos da área de comunicação.

O professor se anima e assim estrutura a headline avassaladora:

O Fim do Alzheimer

Com apenas 7 nutrientes que podem estar dentro da sua geladeira agora, você consegue prevenir ou reverter a perda da memória

Recuperando o potencial do cérebro a partir de cinco semanas

Mistério: os “burros” continuam vencendo na internet

Pois é, caro leitor. Por mais absurdo que pareça, esse é o tom que trafega todos os dias no continente digital. De forma viral. E a extrema-direita é extremamente habilidosa nesse sentido. Sobre as questões éticas e morais? Para eles, assim como para alguém da esquerda, imoral é o outro lado.

No debate intelectual, ainda não é possível perceber popularmente uma saída para esse dilema.



A VÍRGULA #082

Boletim semanal produzido por
Fernando Carreiro
Imagem Comunicação Inteligência



Fernando Carreiro
Diretor Editorial

Com textos, análises e colaboração de:



Felipe Izar Xavier
Editor-Executivo



Marcelo Siano Lima
Consultor



Rodrigo Medeiros
Colaborador

Confira todo nosso acervo em
www.fernandocarreiro.com.br/avirgula